

Conclusão

Aqui termina este estudo que tenta pavimentar a estrada esburacada e escondida entre simbolismo e modernismo no Brasil. Penso ter conseguido traçar uma linha sólida estabelecendo um contato entre os dois movimentos, ressignificando dois dos grandes momentos inventivos da história da literatura brasileira. Diria o poeta Mariano Marovatto que estamos em outro desses momentos em que a liberdade para a criação poética está no ar. Produzir arte de modo rebelde e peculiar não foi tão fácil para os simbolistas que viveram à margem de tudo, em consequência da obtusa visão parnasiana.

No entanto, os encontros entre simbolismo e modernismo mostram como a imaginação, a inventividade, o humor são importantes para a poesia, que não pode ficar restrita apenas ao asseamento, à pureza e ao belo. Afinal já era Nietzsche quem dizia:

“Belo é”, diz Kant, “o que provoca um prazer *desinteressado*.” – Desinteressado! Comparai semelhante definição com essa outra, de um verdadeiro espectador e artista – Stendhal, que chama em algum lugar a beleza de *une promesse de bonheur*. [...] Quem tem razão, Kant ou Stendhal?²²⁰

Uma promessa de felicidade, o interesse pelos efeitos vitais da experiência artística é o belo. Fico com Nietzsche, fico com Stendhal. Certo que a poesia simbolista era mais mórbida e muitas vezes mais macabra do que feliz, mas a promessa de felicidade de Stendhal é a felicidade das revoltas criativas, das potências imagéticas indomáveis, da explosão criadora e não da contenção conservadora. É o resultado feliz da afirmação da vontade. Essas forças estavam presentes também no modernismo.

Ali em 1987 eu começava a palmilhar os caminhos da poesia. Hoje, mais de vinte anos depois, me encontro aqui no meio de tantos livros e papéis, escrevendo na tela de um computador, continuando o caminho que foi de meu avô e de meu bisavô. Revisitá-los ao som de novos tempos, nesta aurora de terceiro milênio, foi um enorme prazer. Foi também uma oportunidade feliz para pensar

²²⁰ NIETZSCHE, Friederich. *Genealogia da moral* - uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.6.

sobre meu próprio fazer poético desde aquele poema de 1999, que descrevia a família, passando pela poesia de imagens e sonoridades de meu primeiro livro homônimo (a família gosta de homônimos) do poema de abertura:

A gema do sol

a noite era noite
quando a gema do sol
ainda era dentro da casca
e os galináceos sabores
do tempo da granja
substituíam as sacaroses
e outros sudoríparos açúcares
dos meus tectônicos tropeços
de sismicidades duvidosas

nas turbulências do magma do amanhecer
rompe a casca com bicadas radioativas
o transgênico ser tentaculoso
fruto de inter-erupções interrompidas

a pupila de sangue atravessa a bacia do céu

a noite é novamente noite no transbordar
da coalhada de estrelas

o ser que já foi gema dentro da casca
explosão de radiante caminhada
se derrama para o infinito
como um mar que ficou grande demais
para caber nas arenosas bordas
do pequeno planeta que o continha²²¹

Quantas sonoridades simbolistas respiravam inconscientemente estes versos? Sonoridades e imagens que seriam mais latentes nos versos de outro poema deste mesmo livro que dediquei a meu avô. “Quem somos entre clavículas, / lúnulas, tíbias, nebulosas, metacarpos e galáxias?”²²². Quantos Augustos dos Anjos não rondaram estes versos? Simbolismo e modernismo estavam presentes em todas as conversas sobre poesia com meu avô.

Desde muito jovem que essas ideias de que os dois movimentos tinham

²²¹ GUIMARAENS, Domingos. *A gema do sol*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras. 2006, p.12

²²² *Ibid.*, p.15.

grande conexão já povoavam, de forma um tanto desconexa, minha imaginação. No caso de meu avô, mesmo que sempre voltado para o resgate da obra do pai, sempre foi seu trabalho contínuo a criação de uma obra de voz própria, que, se não é a construção de uma voz alta e pura, maior que as outras, é, sim, uma voz reconhecível na multidão de vozes que é o mundo. Acredito que meu avô encontrou este caminho em sua poesia, principalmente depois dos primeiros livros que, não sem qualidade poética, ainda estavam repletos da carga de influências que a herança da tradição nos impõe a todos. A própria biografia que escreveu do pai é criação de uma voz própria, dentro da resignificação da obra paterna, abrindo num diálogo com o biografado, a contraponto da tradição biográfica, que se encerra em monólogo. Não à toa Drummond sempre dizia que meu avô tinha mania de fazer essas coisas que ninguém havia feito antes.

Pensando nisso acho que ele ficaria feliz com meu último livro, publicado em conjunto com os Sete Novos (coletivo de poetas do qual faz parte outro neto de Alphonsus filho, meu primo Augusto de Guimaraens Cavalcanti, e nosso amigo e poeta Mariano Marovatto). O livro, lançado em 2008, é *Amoramérica*.

Teríamos, os três, encontrado uma voz reconhecível na multidão de vozes? Talvez seja cedo para dizer. Mas vejo nele o humor de João Ventania nesta pândega que fazemos com a nação mais poderosa do planeta na atualidade. Vejo também uma deglutição modernista, bem contemporânea, em encontros como o do Acquaman com a Iemanjá.

Acho, por mais diferente que seja a minha poesia da de meu avô e de meu bisavô, que eles ficariam felizes em ler letras tão estranhas mas que mostram o caminho da poesia sendo seguido e a mesma luta por manter vivo este fazer artístico. Ficariam felizes em ver que estamos apertando o botão do liquidificador da linguagem e experimentando a mistura de tintas e sons das palavras, ou que, pelo menos, esta é a intenção. A poesia é líquido inquestionável e o poeta continua necessário mesmo num mundo super-acelerado e imenso, tão necessário como um orgasmo, um gol, um pôr-do-sol. Estas coisas talvez inúteis, mas sem as quais não poderíamos viver.

Meu avô foi quem acendeu aquela fogueira, num fim de tarde de uma Minas pluritemporal, começou ele a juntar os escritores da família, e outros amigos das letras, para uma grande conversa sobre poesia e literatura. Foi meu avô um mediador de poetas através do tempo, resgatando e resignificando a obra

do pai, criando uma rede imaginária que juntou diversos séculos e fez simbolismo e modernismo se encontrarem. Continuei aqui o seu trabalho pluritemporal. Plural como meu nome Domingos, plural como este Guimaraens que é um nome onde cabem tantas forças, tantas imagens, tanta poesia. Sempre poesia.